

Fiesp quer pacto para evitar novo choque econômico

**ROBERTO CUSTÓDIO
Da Sucursal**

São Paulo — O presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Mário Amato, defendeu ontem um urgente entendimento entre todas as forças sociais do País para superação dos problemas econômicos e políticos. "Chegou a hora de nos unir, de dialogar. Temos que deixar de lado os acordos prévios e o vedetismo e começarmos a conversar", afirmou ele ao reagir à proposta do Governo de um pacto social, para evitar um novo choque na economia.

Para Amato entretanto "é o Governo que deve em primeiro lugar dar sua contribuição para esse pacto social". E preciso que o Governo se compenetre do que deve reduzir o déficit público. "tem que fazer isso ou então não vamos sair do lugar", disse. Amato acrescentou estar disposto a conversar com trabalhadores e o Governo, buscando pontos convergentes, discutindo temas como Saúde, Educação e Habitação. Para ele, salário é consequência da infraestrutura montada, "se o Governo fizer a sua parte nós nos entendemos. Os trabalhadores e os patrões sempre se entendem por ocasião dos acordos de trabalho e acho que não será diferente agora", disse.

Outros dirigentes da Fiesp porém têm pensamento diferente do presidente da entidade. Carlos Moreira Ferreira, vice-presidente da Fiesp, disse não ver condições para um entendimento entre patrões empregados e Gover-

no antes de uma definição mais clara das regras da Constituinte e de uma eleição direta, de preferência em 88, para presidente da República. "É preciso ver depois disso o que se vai propor, em que condições se buscará um entendimento. Neste instante existe ainda muita indefinição para se chegar a um resultado", observou. O diretor do Departamento de Economia da Fiesp, Walter Saccà, responsável pelos documentos da entidade sobre conjuntura econômica brasileira, disse que falta credibilidade ao Governo Federal para propor neste momento qualquer proposta de entendimento. "O Governo precisa primeiro resolver seus problemas e um deles é o déficit público. Falar em cortar pessoal e salários eles falam, mas precisam fazer", disse. Saccà vê dificuldades também do lado dos trabalhadores. "Nós conseguimos reunir nosso pensamento e os apresentaremos numa mesa de discussões em unidade, mas os trabalhadores não aceitam falar em unidade. Assim fica difícil negociar porque não sabemos se o que negociamos vai valer para todos", explicou.

O presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Fundição, Paulo Roberto Butori, que faz oposição à Fiesp, disse que só haverá condições para o pacto se o Governo não tentar intervir no entendimento. Os trabalhadores e os patrões vêm conversando há algum tempo sobre um entendimento, acrescentou, deixando de lado a posição oficial.